

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

ANALOGUE

Abraçar o passado para celebrar o presente.
Embracing the past to celebrate the present.

PORTUGAL CONT. 9,00€ · BE/R/NL 12€ · ES/IT/11,00€ · DE 13,00€ · UK £9,50 · Suisse 15,00CHF · Morocco 110MAD / Bimestral



00107



Veneza no feminino Venice in the feminine

59.ª Bienal de Veneza: The Milk of Dreams
59.ª Venice Biennale: The Milk of Dreams



JARDINS/GARDENS. Photo © Andrea Avezzu

A Serenissima, título que ostentava a República de Veneza até 1797, mas que continua a ser uma forma de denominar a cidade lacustre do mar Adriático, lembra-nos uma mulher, uma figura sedutora e misteriosa que a torna numa das cidades mais femininas na sua forma de identificação. Esta é, sem dúvida, a forma como eu vejo a cidade que visito a cada dois anos, há mais de duas décadas.

Este ano de 2022, foi a primeira vez que uma mulher italiana foi curadora da que é considerada uma das maiores e mais importantes bienais do mundo. Cecilia Alemani inicia o complexo e bem formulado pensamento curatorial a partir do livro infantil de Leonora Carrington (1917–2011) *The Milk of Dreams*, uma metáfora do mundo em que vivemos que, como a própria afirma, “permite sonhar e dar a ideia de que nos podemos tornar em qualquer coisa que queiramos, permite a liberdade de sermos aquilo que quisermos.”

Esta ideia de que tudo é possível, na visão de Alemani, também se confronta com os dois últimos anos que o mundo viveu, anos de uma realidade muito diferente da que conhecíamos antes. Os obstáculos físicos e também

La Serenissima, the title that the Republic of Venice bore until 1797, but which remains to this day a way of referring to this lagoon city on the Adriatic Sea, recalls a woman, a seductive and mysterious figure that renders it one of the most feminine cities in the way it is perceived. This is undoubtedly the way I see the city I have visited every two years for over the past two decades.

This year, 2022, was the first time that an Italian woman has been curator of what is regarded as one of the largest and most prestigious biennales in the world. Cecilia Alemani initiates the complex yet well-formulated curatorial process based on the children’s book *The Milk of Dreams* written by Leonora Carrington (1917–2011), serving as a metaphor for the world we live in which, as she herself states, “allows us to dream and offers us the idea that we can become anything we want, allows us the freedom to be whatever we want to be.”

This idea that anything is possible, in Alemani’s view, also grapples with the last two years that the world has endured, years of a very different reality from what we had known before. The physical and also psychological obstacles that ensued have built a different way of thinking. Obeying the normal rhythm of



◀ SIMONE LEIGH: PAVILHÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA/UNITED STATES OF AMERICA PAVILION. Photo © Marco Cappelletti
▼ “WHAT GOES AROUND COMES AROUND”, BOSCO SODI, PALAZZO VENDRAMIN GRIMANI. Photo © Verónica de Mello



psicológicos que daí advieram construíram uma outra forma de pensar. No ritmo normal da bienal, desde o seu início no século XIX, a mesma deveria ter sido apresentada em 2021, dando somente dois anos para a sua preparação. Esse espaço temporal foi expandido na pandemia e a mudança da data de 2021 (data prevista) para o ano 2022 deu a oportunidade de prolongar o trabalho na selecção de artistas, mais cuidadosa, ao mesmo tempo que a limitação dos encontros (ao longe, por zoom, através do computador) fez com que, por vezes “as conversas entre curadora e artistas nos tornassem mais íntimos, introspectivos e confessionais.” Foi neste clima de stress e de incerteza que todos vivemos que esta grande bienal foi concebida, um tempo diferente, que poderíamos chamar de estranho.

O resultado dessa pesquisa, desse trabalho de encontro com os artistas fora da zona dos holofotes, permitiu que, nesta mostra, vissemos obras de artistas que muitas vezes não fazem parte do “establishment.” Uma panóplia tão heterogénea de origens que trouxe até Veneza trabalhos da Amazônia e de outros países fora do radar central da arte contemporânea, tornando esta edição fecunda na surpresa e na diversidade. *The Milk of Dreams* inclui 213 artistas de 58 países, sendo que mais de 180 desses artistas nunca tiveram trabalhos seus na *Exposição Internacional de Arte* antes de Veneza 2022. Pela primeira vez nos seus 127 anos de história, a bienal incluiu uma maioria de mulheres, focando-se em assuntos que interessam ao espectro feminino e reflectindo uma cena artística internacional que repensa a centralidade do homem na história da arte e na cultura contemporânea.

the biennale, from its beginnings in the 19th Century, it should have been held in 2021, with only two years for its preparation. This time frame was extended due to the Covid-19 pandemic and the change of the date from 2021 (the original date) to the year 2022 afforded opportunities to extend the preparation work with the more mindful selection of artists, while at the same time the constraints applied to through Zoom, via computer, meant that at times “the conversations between curator and artists made us more intimate, introspective and confessional.” It was in this atmosphere of stress and uncertainty experienced by everyone that this great biennale was conceived, in a different time, which we could define as strange.

The result of this research, of this process of meeting artists outside the usual limelight zone, has allowed us, in this exhibition, to display works by artists who are often not considered part of the “establishment”. Such a heterogeneous panoply of origins brought to Venice works from as far afield as the Amazon and other countries outside the main radar of contemporary art, making this edition so prolific in terms of surprise and diversity. *The Milk of Dreams* includes 213 artists from 58 countries, with more than 180 of these artists never having had their work featured in an International Art Exhibition before Venice 2022. For the first time in its 127-year history, the biennale has included a majority of women, focusing on subjects that matter to the female spectrum and reflecting an international art scene that reconsiders the centrality of men in art history and contemporary culture.



CECILIA VICUÑA, MRINALINI MUKHERJEE. Photo © Ela Bialkowska/OKNO studio

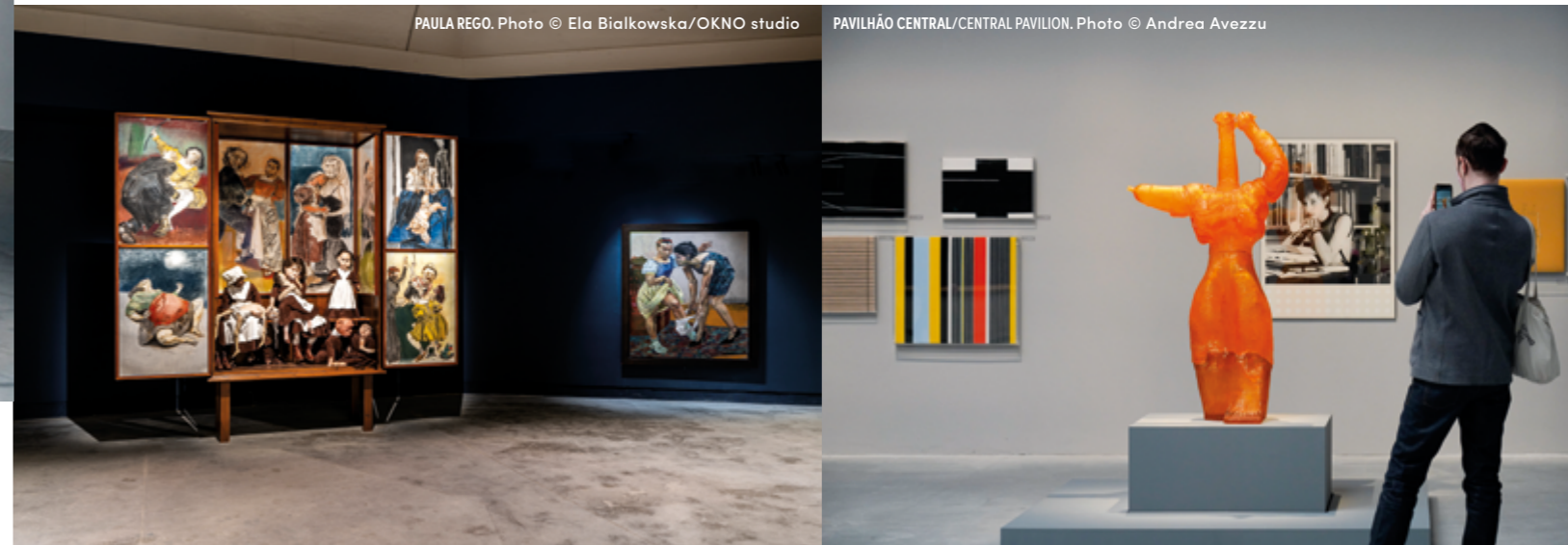
E o que quer dizer isto? De que forma se vê representada na bienal esta visão mais feminina? Faz sentido falar do sexo do artista? Da transformação do ser humano? Todas estas perguntas e muitas mais ocorrem-nos enquanto percorremos os 80 pavilhões nacionais da bienal, o seu pavilhão central com a ideia do sonho, do maravilhoso, da magia a que o título nos induz. O percurso pela bienal leva-nos pelo fantástico, pela intuição, pelo subconsciente e imaginação. Leva-nos ao refúgio da imaginação, de formas que ultrapassam morfológica ou até historicamente aquilo que esperamos; o elemento surpresa está sempre presente. Há um posicionamento político de trazer para o discurso da arte elementos e pensamentos que permitem uma liberdade inesperada na sua subtilidade de acção, como o trabalho de Cecilia Vicuña, artista chilena que ganha o prémio carreira da bienal. No pavilhão dos EUA, o trabalho de Simone Leigh – primeira mulher negra a representar o seu país – invoca questões sobre o lugar da mulher na sociedade, a relação histórica da colonização, da identidade da raça e da cultura no mundo actual. Uma bienal com mais de 400 obras de arte e 30 exposições colaterais, que incluem a pequena mas extraordinária exposição Lucio Fontana & Antony Gormley, na mítica loja Olivetti, na praça de São Marcos; a lindíssima mostra do mexicano Bosco Sodi no Palazzo Vendramin Grimani ou ainda, acompanhando a trágica actualidade, This is Ukraine: Defending Freedom, que, numa altura conturbada como a que vivemos, permite dar voz à liberdade e à democracia.

And what does this mean? In what way is this more feminine vision represented in the biennale? Does it make sense to talk about the gender of an artist? Of the transformation of the human being? All these questions and many more spring to mind as we wander through the 80 national pavilions of the biennale, its central pavilion with the idea of the dream, the marvellous, the magic to which the title lures us. The route through the biennale takes us through the fantastic, through intuition, through the subconscious and imagination. It leads us to the refuge of our imagination, of forms that morphologically or even historically surpass what we expect; the element of surprise is ever present. There is a political positioning by bringing into the discourse of art certain elements and thoughts that offer unexpected freedom in the subtlety of their action, such as the work of Cecilia Vicuña, a Chilean artist who was awarded the biennale's career prize. In the U.S. pavilion, the work of Simone Leigh – the first black woman to represent her country – raises questions about the place of women in society, the historical relationship of colonisation, race identity and culture in today's world. A biennale with over 400 works of art and 30 side exhibitions, including the small, but extraordinary Lucio Fontana & Antony Gormley exhibition at the mythical Olivetti shop in St. Mark's Square; the beautiful Mexican Bosco Sodi show at Palazzo Vendramin Grimani or, in with regard to tragic current affairs, This is Ukraine: Defending Freedom, which, in these troubled times, provides a voice for freedom and democracy.

“O meu desejo para a 59.ª Exposição Internacional de Arte é que todos possamos mergulhar no “reencantamento do mundo (...)” Talvez seja um sonho, mas esse é outro dos elementos desta exposição.”

“My wish for the 59th International Art Exhibition is that we can all immerse ourselves in the “re-enchantment of the world (...)” Perhaps this is a dream, which is another of the constituent elements of this exhibition.”

CECILIA ALEMANI



PAULA REGO. Photo © Ela Bialkowska/OKNO studio

PAVILHÃO CENTRAL/CENTRAL PAVILION. Photo © Andrea Avezzu

Há uma intensidade constante ao longo da bienal, transformações morfológicas e histórias contadas através de desenhos, por vezes surrealistas, que querem jogar com o racional e o irracional, com a identidade, com a relação que mantemos com a natureza ou com assuntos que estão no interior de cada visitante. Na coerência da curadoria, podemos entender uma ligação entre os materiais, as imagens, as problemáticas. Há um enorme eco que interliga as obras apresentadas. A artista anglo-portuguesa Paula Rego apresenta as suas assustadoras figuras numa sala curada com um enorme cuidado que nos leva da beleza do desenho ao desconforto do que representa, obras que, como tantas outras, convidam a um caminho interior. Uma bienal que fala de uma forma subtil mas intensa, numa cidade que sempre o fez na sua arquitectura e na sua paisagem labiríntica e quase irreal. Até 27 de Novembro, somos convidados a deixar os nossos pensamentos mais íntimos fluir ao ritmo dos nossos passos, um sonho que se torna político, que se torna por vezes agressivo e noutras ingénuo. Uma bienal que exige quase todos os sentidos: a visão, o olfacto, o tacto e até a intuição. Em The Milk of Dreams, é-nos proposta uma paragem para pensar, para reflectir no que nos estamos a tornar, e naquilo que podemos ser. ^A

A constant intensity is present throughout the biennale, morphological transformations and stories told through drawings, sometimes surreal, that want to interact with the rational and the irrational, with identity, with the relationship we have with nature or with issues within each visitor. Through the coherence of the curatorship, we can grasp a connection between the materials, the images, the issues. There is a tremendous echo that interconnects the works exhibited. The Anglo-Portuguese artist Paula Rego presents her frightening figures in a room curated with extraordinary care that leads us from the beauty of the drawing to the discomfort of what it actually represents, works that, like so many others, invite us to make an inward journey. A biennial that speaks in a subtle but intense way, in a city that has always done this through its architecture and its labyrinthine, almost unreal cityscape. Until 27 November, we are invited to allow our innermost thoughts to flow to the rhythm of our steps, a dream that becomes political, that is sometimes aggressive and at others naive. A biennale that appeals to almost all the senses: sight, smell, touch and even intuition. In The Milk of Dreams, we are offered a chance to stop and think, to reflect on what we are becoming and what we can be. ^A